



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)
INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

CARLOS AUGUSTO DO CARMO

**A METAMORFOSE DE ANTÔNIO CONSELHEIRO: DE INIMIGO DA
REPÚBLICA A HERÓI NACIONAL.**

REDENÇÃO – CE

2025

CARLOS AUGUSTO DO CARMO

**A METAMORFOSE DE ANTÔNIO CONSELHEIRO: DE INIMIGO DA
REPÚBLICA A HERÓI NACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador(a): Prof.Dr.Edson Holanda Lima Barboza

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA-UNILAB

CARLOS AUGUSTO DO CARMO

**A METAMORFOSE DE ANTÔNIO CONSELHEIRO: DE INIMIGO DA
REPÚBLICA A HERÓI NACIONAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao curso de Bacharelado em
Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto
de Humanidades (IH), da Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira (UNILAB), como requisito final
para a obtenção do título de Bacharel em
Humanidades.

.

Aprovada em: ____/____/2025

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Edson Holanda Lima Barboza (Orientador)

IH - UNILAB

Professora Dra. Silviana Fernandes Mariz (Examinadora)

IH - UNILAB

Professor Dr. José Josberto Montenegro Sousa (Examinador)

IH - UNILAB

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	05
2. PROBLEMÁTICA DA PESQUISA.....	06
3. OBJETIVOS.....	07
3.1. GERAL.....	07
3.2. ESPECÍFICOS	07
4. JUSTIFICATIVA.....	07
5. REFERÊNCIAL TEÓRICO.....	08
5.1.ANTONIO CONSELHEIRO E CANUDOS E OS DISCURSOS DE NATUREZA CIENTIFICISTA NA CONSTRUÇÃO DO INIMIGO DA REPÚBLICA.....	08
5.2. A METAMORFOSE DE ANTONIO CONSELHEIRO E CANUDOS.....	20
5.3 A CONSTRUÇÃO DO HERÓI ANTÔNIO CONSELHEIRO EM QUIXERAMOBIM-CE.	21
5.4.ANTÔNIO CONSELHEIRO O HERÓI NACIONAL.....	22
6.PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	23
7.CRONOGRAMA	23
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24

1. INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa tem como objetivo principal refletir sobre a metamorfose ocorrida ao longo dos anos com a figura de Antonio Conselheiro, que nasceu na cidade de Quixeramobim, a 13 de Março de 1830, que na época chamava-se Vila de Santo Antonio de Quixeramobim, então província do Ceará Grande, está inserido no sertão central, distante 212 km de Fortaleza, com população estimada no ultimo censo 2022 em 82.177 mil. Filho de Vicente Mendes Maciel e Maria Maciel, conhecida como Maria Chana, muito cedo ficou órfão de mãe. O seu pai não poupou esforços para educá-lo, mandando ensinar o português, latim e Frances. É esse personagem historico, que sai da condição de inimigo da república e se torna herói nacional tendo seu nome gravado no livro dos heróis e heroínas da Pátria. A palavra metamorfose foi escolhida, pois segundo o dicionário online de língua portuguesa significa mudança ou alteração completa no aspecto, natureza ou estrutura de alguém ou de alguma coisa; transformação. Considerando demandar meios de analisar essa proposta, a partir dessa transformação ocorrida com Antônio Conselheiro ao longo dos anos até o reconhecimento oficial do governo brasileiro como herói nacional. Almeja-se traçar uma trajetória das narrativas lançadas sobre esse personagem e o acontecimento que foi a Guerra de Canudos.

A pesquisa aqui apresentada será classificada como exploratórias e descritivas que têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. Como método o uso da revisão bibliográfica se justifica porque esse método permite reunir o que já foi publicado sobre a história desse personagem. E permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Como recursos livros, internet, jornais, revistas teses, dissertações, artigos e outros. Quais foram às interpretações de diferentes matrizes discursivas que se colocaram a explicar a figura de Antônio Conselheiro. (GIL, 2008, p.28 e 50).

Assim, tenciona-se demonstrar neste primeiro momento. O Antônio Conselheiro descrito como o anti-herói da nação fazendo uso das descrições depreciativas narradas nas obras de autores como Euclides da Cunha em *Os Sertões*, (1975) e Raimundo Nina Rodrigues; “*As Coletividades Anormais*” (2006) e versões da Igreja Católica, Classe Dominante, Exército e Imprensa, E apresentar os discursos que possuíam uma natureza

cientificista que, a partir de conceitos evolucionistas e positivistas, contribuíram para a campanha que apresentava os conselheiristas como elementos de desordem e de retrocesso e representavam a instituição republicana como o fundamento da constituição do Brasil em uma nação moderna promotora da ordem e do progresso e, sobretudo civilizada.

Posteriormente dando continuidade as mutações que vão transformando Antônio Conselheiro, projeta-se, asseverar as mudanças ocorridas a partir do revisionismo historiográfico, partindo da perspectiva apresentada por José Calazans para esse fim faremos uso do trabalho de Leandro Leal de Freitas na obra “Um século de Narrativas Euclidianas e Conselheiristas: Interpretação sobre Antonio Conselheiro” (2016): e outros autores como Cristina Coin: “A Guerra de Canudos” (1995); Ana Paula Martins Corrêia Bovo: “Antonio Conselheiro: Os Vários” (2007). Esses trabalhos trazem Antônio Conselheiro e Canudos a partir de uma ótica a das perspectivas dos vencidos, contribuindo para trazer à tona uma história positiva sobre esse personagem e o fato social que foi a Guerra de Canudos.

Supondo as conversões ocorridas com esse personagem ao longo dessa trajetória projeta-se neste momento apontar a sua reconstrução no Município de Quixeramobim-CE a partir de sua elevação como filho ilustre deste Município. Antônio Conselheiro caracterizado enquanto opositor à civilização e a modernidade prometida pelo recente regime republicano. Transforma-se nesta Cidade em herói local e nacional, revolucionário homem a frente de seu tempo, idealista, mártir e um grande líder político e religioso. Diante de tal perspectiva será usada a obra de, Nathan Pereira Barbosa (2015). Memorialistas do Sertão Central: Memória, Identidade, Cultura, Historiografia e Legitimação do Discurso em Quixadá e Quixeramobim (1996-2002). (2015).

É possível perceber neste momento a mudança ocorrida na interpretação dada a Antonio Conselheiro neste município. Quatro momentos em Quixeramobim- Ce sugerem essa conversão.

Primeiro: A partir das comemorações do centenário de Canudos (1993-1997). No Estado do Ceará. Um grupo de estudantes, professores e políticos que objetivavam recuperar a imagem de Antonio Conselheiro na sua cidade natal, fundam o MAC (Movimento Antonio Conselheiro) em Julho de 1996. Hoje denominado Instituto de Patrimônio Histórico e Cultural e Natural de Quixeramobim (IPHANAQ) criado no ano de 2004. E contemplado com a aprovação do projeto patrimônio vivo no edital público de seleção de pontos de cultura, em 2009. (ARAÚJO SÁ, 2006; 246).

Segundo: O livro de Marum Simão, “Quixeramobim, Recompondo a História” 1996, que em parceria com governo municipal, transformou seu livro em material didático escolar. “A imagem de louco, fanático religioso e subversivo difundida durante muito tempo na imprensa brasileira no final do século XIX e também na historiografia, não encontra lugar em Quixeramobim”. (BARBOSA, 2015, pag.155)

Terceiro: A construção do memorial Antônio Conselheiro, para as comemorações do centenário da Guerra de Canudos em 1997. Quarto: A partir de 2012, através da Lei Municipal Nº 2.506/2012, de 14 de março de 2012, de autoria do vereador Everardo Junior (PMDB) e sancionada pelo prefeito Edmilson Correia de Vasconcelos Junior (PMDB), instituiu o dia 13 de março, como feriado Municipal em homenagem a Antônio Conselheiro e a Memória de Canudo. Diante do exposto, sondar-se com esta pesquisa problematizar o processo de Metamorfose que ocorre com o personagem de Antônio Conselheiro que sai da condição de “fora da lei”, “fanático religioso” e de “inimigo político da república”, para tornar-se oficialmente Herói Nacional, tendo seu nome escrito no livro dos heróis e heroínas da Pátria. (BARBOSA,2015,p.155; BOVO,2007,p.22)

PALAVRA-CHAVE. ANTÔNIO CONSELHEIRO. CANUDOS. CIENTIFICISMO. REVISIONISMO. HERÓI NACIONAL.

2. PROBLEMÁTICA PESQUISA

Como foi possível a metamorfose ocorrida com o personagem de Antonio Conselheiro? Que sai da condição de inimigo da república para se tornar herói nacional tendo seu nome gravado no livro dos heróis e heroínas nacionais. Assim esse trabalho pretende problematizar a transformação que ocorre em torno deste personagem, já que para setores da sociedade brasileira, seria mais conveniente esquecer Canudos e todos os erros ali cometidos. Inicialmente interessava a muitos deixar o passado lá atrás enterrado junto com os mortos, afinal Canudos fora aniquilado pelo exército brasileiro com o aval da igreja católica, com o apoio direto dos governantes e dos poderes constituídos, e quase unanimidade da sociedade civil organizada, incluindo-se imprensa e as demais instâncias fundamentais para a formação da opinião pública. (ROCHA 2007, p.123). Como foi possível essa conversão que o torna herói nacional?

Considerando que o momento em que a Guerra de Canudos ocorreu está inserido em um contexto de instabilidade do regime republicano. Como afirmou LESSA (1988), citado

por (LEÃO, 2015) “Os primeiros anos após a Proclamação da República em 1889 foram uma época de disputas entre diferentes projetos, e de medo do retorno à Monarquia houve diversas insurreições que preocuparam os republicanos quanto à manutenção do regime, como a Revolução Federalista no Sul do país, e as duas revoltas da Armada, no Rio de Janeiro. O medo do retorno à Monarquia e a crença de que ela representava tudo que havia de atrasado no país era uma realidade nos primeiros anos de República”.

A República tinha em Canudos a chance de criar para seus cidadãos novos heróis e vilões, e associar os últimos ao “atraso monárquico”. Desta forma, consolidava-se como o regime político ideal para o país, utilizando o conflito dos sertões como meio para isto. Modernização era a palavra de ordem; os sertanejos eram o inverso deste ideal. Alimentou-se a já difundida idéia de que o sertão era o representante geográfico da barbárie e do retrocesso, e o litoral, por sua vez, da civilização e da modernidade. Mais do que isso, criou-se uma ligação entre os sertanejos e o desejo de volta da Monarquia, relacionando também, desta forma, o atraso do sertão ao atraso monárquico. (LEÃO, 2015, p.37-39)

3. OBJETIVOS

3.1. GERAL:

O Presente projeto de pesquisa tem como objetivo principal refletir sobre o processo de reconhecimento oficial concedido pelo governo brasileiro, no ano de 2019, durante a vigência do mandato do presidente Jair Messias Bolsonaro (PSL), que através da lei nº13.829, de 13 de maio de 2019, de autoria da deputada federal Luizianne Lins (PT-Ce). Que inscreve o nome de Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro, no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria. Sendo assim, pretende-se com esta pesquisa analisar quais foram às interpretações de diferentes matrizes discursivas que se colocaram a explicar a figura de Antônio Conselheiro.

3.2. ESPECÍFICOS:

* Descrever como as interpretações pejorativas e os discursos de natureza cientificista dada a Antonio Conselheiro pela Elite, Igreja, Exército, Imprensa e Intelectuais da época a partir de conceitos evolucionistas e positivistas, contribuíram para a campanha que apresentava os conselheiristas como elementos de desordem.

* Demonstrar como o revisionismo historiográfico e a história Oral contribuíram para a metamorfose e ressignificação de Antonio Conselheiro?

* Verificar quais as narrativas sobre Antonio Conselheiro, em Quixeramobim-Ce contribuíram para elevá-lo a herói local e posteriormente Nacional.

4. JUSTIFICATIVA

Considerando que a universidade me possibilitou o despertar de um sonho acalentado por tantos anos, que era freqüentar um curso superior, ela também me permitiu através das interdisciplinaridades a que fui apresentado a perceber como as políticas de delimitação de direito ao longo dos anos contribuíram para a desigualdade social no país, assim como o “uso das teorias raciais na virada do século XIX, e início do século XX fazendo parte dos discursos da elite intelectual do nosso país para forjar representações sociais diante de negros, mestiços, índios e imigrantes”, (Monteiro, 2016). isso me despertou o porquê, de ter vindo do interior com minha família e ter me fixado na periferia de Fortaleza e ter enfrentado tantas dificuldades e hoje perceber que não era a vontade de Deus como ouvia de minha mãe, mas da política dos homens que ao longo dos anos como partes desses discursos determinam nossas possibilidades a partir do local que habitamos e do lugar que ocupamos na sociedade. Durante a disciplina de História do Ceará, do professor Edson Holanda senti a necessidade de conhecer a história de Antônio Conselheiro e o que foi a Guerra de Canudos, ele que nasceu em Quixeramobim-Ce a onde nasci e o qual só tinha conhecimento pelo senso comum do seu infortúnio no casamento ou por discursos pejorativos sobre sua sanidade mental.

A justificativa pessoal não é o que torna este trabalho mais interessante e necessário de se fazer, mas o fato de Antonio Conselheiro e Canudos serem um dos episódios mais estudados ao longo dos anos, trazendo as mais variadas interpretações sobre esse personagem principalmente pelo fato que durante muito tempo as imagens de Antonio Conselheiro ficaram aprisionadas as representações de um homem, colérico, supersticioso e fanático, narrados por Euclides da Cunha em “Os Sertões”. A justificativa das autoridades brasileiras para o conflito ainda hoje serve de reflexão quando analisamos a realidade das minorias ao longo da trajetória dessa república, que sempre limitou o acesso dessas classes ao básico. Assim o contexto político como a polarização nas eleições brasileiras em 2018 que trouxe ao poder um governo sustentado pelo extremismo de direita e pelo discurso de ódio e elitista. Olhar para o passado através desse episódio que foi Canudos e vê a realidade vivida por milhões de brasileiros que ainda esperam por políticas de acesso a igualdade, como educação, saúde, moradia é perceber que Antonio Conselheiro continua vivo e a tentativa de silenciar, se tornou a voz de muitos que continuam a margem das desigualdades desse país.

Assim o reconhecimento oficial do governo brasileiro, da figura histórica de Antonio Conselheiro como herói nacional, justifica a importância social desse trabalho, por trazer um fato novo à academia, e para toda a sociedade, demonstrando o poder inacabado desse personagem que ao longo de sua trajetória passou por muitas mutações.

5. REFERÊNCIAL TEÓRICO

5.1. ANTONIO CONSELHEIRO E CANUDOS E OS DISCURSOS DE NATUREZA CIENTIFICISTA NA CONSTRUÇÃO DO INIMIGO DA REPÚBLICA.

O final do século XIX e o início do século XX foram marcados por inúmeras mudanças não só políticas como a abolição da escravatura e a Proclamação da República no Brasil. Mas por novidades tecnológicas e científicas que modificavam o cotidiano invadia casas e eram recebidas com entusiasmo e assombro pela população ocidental. Era a chamada segunda revolução industrial ou revolução científico- tecnológica, traziam inúmeras novidades como carros, as locomotivas, os transatlânticos, a descoberta da penicilina, da vacina, a luz elétrica, também o rádio, o gramofone, o telegrafo, os elevadores, o fogão a gás, a fotografia. (MONTEIRO, 2016, p.84).

Tantas transformações trazem uma sensação de aceleração do tempo e conquista do espaço uma sensação vertiginosa que Nicolau Svecenko tão bem caracterizou com a imagem da montanha-russa a vertigem das mudanças de toda ordem lembrava o brinquedo do parque de diversões, ele mesmo, uma invenção da época. (SEVCENKO,2003,p.84). “Há uma fé no progresso que se transforma numa espécie de nova religião o progresso era visto como a solução de todos os problemas. Só o progresso seria capaz de salvar a dívida do atraso de países periféricos como o Brasil”. (NEVES,1996, p. 10.). Não é só o progresso de bens materiais, os discursos cientificistas também se apresentavam para legitimar todo aquele momento.

De acordo com SCHWARCZ, (1993). “O ano de 1870 é considerado um marco na história das idéias raciais no Brasil, pois um discurso evolucionista e determinista penetra no país como um novo argumento para explicar as diferenças internas. A partir de então, era a ciência que reconhecia as diferenças e determinava as inferioridades” (SCHWARCZ, 1993, p. 28). É neste momento de profundas transformações que tem início a Guerra de Canudos, onde a república recém proclamada enfrentará sucessivas derrotas de uma comunidade de sertanejos que no sertão da Bahia fundara sua aldeia, suas próprias leis e a

sua própria ordem. Em Belo Monte a polícia não entrava não se pagavam impostos e a palavra do Conselheiro bastava para estabelecer a ordem e as regras de convivência. Era um território que não estava submetido à lógica instituída pela república. Por isso mesmo, uma ameaça. A comunidade é identificada pelos homens da República como local de desordem, de atavismo, um atraso que era preciso combater. (MONTEIRO, 2016, p.85).

Assim as diversas interpretações usadas para descrever Antonio Conselheiro, e os habitantes de Canudos, sempre foram em sua maioria com uma linguagem pejorativa e depreciativa, demonstrando com isso a influência que as teorias raciais tiveram nesse processo de construção.

EUCLIDES DA CUNHA

Correspondente do jornal o Estado de São Paulo durante o conflito em Canudos. Filiava-se a corrente pessimista em relação à identidade nacional, não acreditando em uma nação etnicamente branca no futuro, mais sim mestiça e por isso, “degenerada sem a energia física dos ascendentes selvagens e sem a atitude intelectual dos ancestrais superiores”. (CUNHA, 1975, p.96). “Tal pensamento fez com que Euclides da Cunha interpretasse Antonio Conselheiro e os habitantes de Canudos a grosso modo com uma visão negativa ancorado num olhar científico, urbanizado e militar sobre Canudos” (CARNEIRO, 2010, p. 27). A crença na existência de raças superiores o fez acreditar na idéia de que a mestiçagem era um risco, assim condenou tal prática ao afirmar:

A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso. De sorte que o mestiço traço de união entre as raças, breve existência individual em que se comprimem esforços seculares é quase sempre um desequilibrado. (CUNHA, 1975, p.13- 96).

Segundo LIMA, (1997) Euclides da Cunha era um leitor da antropologia biológica e do evolucionismo, e via, na neutralidade de sua mente científica, que o sertanejo, era um exemplo de raça fraca, estava fadado a ser esmagado e extinto pelas raças fortes, que vinham em fluxos migratórios da Europa. (LIMA, 1997, p. 24-27). O sertanejo é foco de contrastes, valente, mas supersticioso, forte, mas abúlico; generoso, mas fanático. Desse modo assim o definia:

O Sertanejo é antes de tudo um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. Mas a sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto.

Hercules-Quasimodo reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. (CUNHA, 1975, p.99).

Motivado pela idéia da supremacia racial. Euclides constrói uma imagem de Canudos como sendo o reflexo do atraso, composta de bárbaros, vivendo de forma primitiva, uma antítese da civilização. Constrói estereótipos em relação às moradas dos sertanejos quando chama de a “urb monstruosa de barro”. (CUNHA, 1975, p.237). Em relação às mulheres tem uma visão depreciativa ao afirmar;

As mulheres eram na maioria repugnantes. Fisionomia ríspida de viragos, de olhos zanagas e maus. Em outro momento cita: Aquela mulher, aquele demônio de anáguas, aquela bruxa agourentando a vitória próxima foi degolada. (...) Poupavam-se as tímidas, em geral consideradas trambolhos incômodos, atravancando-o, como bruacas imprestáveis. (CUNHA, 1975 p.341-367).

Assim ao final da guerra de Canudos em cinco de outubro de 1897 e a descoberta do corpo de Antonio Conselheiro. Euclides comenta “dádiva preciosa, único prêmio, únicos despojos opimos de tal guerra! Que a ciência dissesse a ultima palavra. Ali estavam, no relevo de circunvoluções expressivas, as linhas essenciais do crime e da loucura”. (CUNHA, 1985, p.393-393).

RAIMUNDO NINA RODRIGUES (1862-1906)

O representante da ciência ao qual se referiu Euclides da Cunha (1866-1909) era o médico legista Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906). Que tinha uma visão pessimista sobre a mestiçagem, que considerava um elemento negativo na formação da população brasileira. Para ele o “determinismo racial é mais forte e os cruzamentos entre raças seriam todos em maior ou menor grau degenerativos”. Adotava como fator degenerativo a diversidade climática e geológica, defendendo a idéia de que a teoria da sobrevivência não seleciona, obrigatoriamente, o exemplar mais evoluído, pois, em circunstâncias menos favoráveis de sobrevivência, os menos desenvolvidos teriam mais facilidade de se adaptar. (RODRIGUES, 1957, p. 61)

Raimundo Nina Rodrigues foi um dos principais responsáveis pelo alargamento do uso das técnicas desenvolvidas pelo italiano Cesare Lombroso para a identificação dos criminosos. Da proposta teórica Lombrosiana extrai-se, em síntese, a idéia de que por meio de exames anatômico-fisiológicos dos criminosos seria possível descobrir as razões da criminalidade, vinculando, portanto, o fator biológico à “etiologia” do crime. A faculdade de medicina da Bahia pode ser considerada a fundadora da medicina legal no Brasil, dando

origem a chamada Escola Nina Rodrigues que filiou muitos pesquisadores aos seus ensinamentos derivados das teorias lombrosianas. Nina Rodrigues foi o homem de ciência responsável pelo estudo do crânio do líder de Canudos. Ele e o Dr. Sá Oliveira, preparador de medicina legal, precederam o exame craniométrico. O qual descreve:

O crânio de Antônio Conselheiro não apresentava nenhuma anomalia que denunciasse traços de degenerescência: é um crânio de mestiço onde se associam caracteres antropológicos de raças diferentes. Só relataremos aqui, pois, as indicações mais importantes. É um crânio dolicocefalo e mesorrino, quase sem dentes, e com notável atrofia das arcadas alveolares. Tem uma capacidade de 1670 cc., que de acordo com a fórmula, dá ao encéfalo um peso de quase 1.452 gramas. É, pois um crânio normal. (RODRIGUES, 2006 p.89).

Nina Rodrigues surpreendido de não haver encontrado nenhum dos sinais de degenerescência que a escola italiana erigiu regra, no exame antropológico dos criminosos. Daí, ser levado a pesquisar as causas sociais e psicológicas que provocaram o comportamento associal do famoso meneur brasileiro. Assim ele é definido com a seguinte afirmação: “Antônio Conselheiro é seguramente um simples louco”(RODRIGUES, 2006 p.42).

Percebemos que Nina Rodrigues se propõe ao estudo dos antecedentes hereditários de Antônio Maciel, ao dizer, “sabe-se que descendia de uma família cearense valente e belicosa, que durante muito tempo se empenhara numa dessas lutas de extermínio, muito frequentes na história dos nossos sertões, entre famílias poderosas e rivais. No decorrer dessas lutas, deram seus ascendentes provas de uma grande bravura, e muitas vezes de requintada crueldade” (RODRIGUES, 2006, p.90).

Após analisar esse episódio traça um quadro daquela situação ao afirmar, “não será por certo a figura anacrônica de Antônio Conselheiro, o louco de Canudos, que há de ocupar o primeiro plano, mas a **vesânia** que o aflige”, sempre perfeitamente diagnosticável ainda mesmo com dados truncados e deficientes como são os que possuímos sobre a história pessoal deste alienado.

Nina Rodrigues sugere que três períodos compõem a psicose progressiva em Antonio Conselheiro, **a primeira**: As mudanças constantes de lugares e as brigas familiares, **a segunda**: A religião e **a terceira**: A política. Ao descrever a primeira fase da psicose progressiva, que acomete Antonio Conselheiro faz uso da interpretação de um conterrâneo desse personagem, o Sr João Brígido. Assim afirma:

Dissensões contínuas com a mulher e com a sogra, mudanças sucessivas de

emprego e de lugar, revolta agressiva com vias de fato e ferimento de um parente que o hospeda, não é preciso mais para reconhecer os primeiros esboços da organização do delírio crônico sob a forma do delírio história de Antônio Maciel e mímica de um conhecimento mais íntimo de sua vida no lar. É, porém, fácil perceber a influência das alucinações, e a procura da fórmula do seu delírio no que sabemos das suas lutas conjugais e, sobretudo nessas mudanças repetidas de perseguição. (RODRIGUES, 2006, p.44).

O segundo período da psicose progressiva descrita por Nina Rodrigues, em relação a Antonio Conselheiro é a religiosa. Que segundo o autor potencializa sua psicose, a partir do momento que prega contra o luxo, maçons, queimando nas estradas todos os objetos que não pudessem convir a uma vida rigorosamente ascética. É interessante notar que Antonio Conselheiro é responsabilizado de quebrar a normalidade da rotina das pessoas, “a vida pacífica das populações agrícolas e criadoras da província, distraíndo-as das suas ocupações habituais para uma vida errante e de comunismo em que os mais abastados cediam dos seus recursos em favor dos menos protegidos da fortuna”. (RODRIGUES, 2006, p.44)

E o batismo de Antônio Conselheiro sob que o ministro ou enviado de Deus inicia a sua carreira de missionário e propagandista da fé era o átrio apenas de onde a loucura religiosa o havia de elevar ao Bom Jesus Conselheiro da fase megalomaniaca da sua psicose. (RODRIGUES, 2006, p.44)

Já em relação ao **terceiro período** da psicose progressiva de Antonio Conselheiro, Nina Rodrigues identifica a **Política** à nova forma de governo pode ser vista como seu natural adversário. As grandes reformas promulgadas pela república nascente tais como separação da Igreja do Estado, secularização dos cemitérios, casamento civil, etc., estavam talhadas de molde a justificar essa identificação.

Personificado no governo republicano o adversário a combater, Antônio Conselheiro declarou-se monarquista. Nas regiões onde ele predominava continuaram a prevalecer as leis e os atos do tempo da monarquia. Recusou-se a receber moeda que tivesse dizeres da República, só tendo curso como valiosa a que trazia a efigie do monarca deposto; aconselhou francamente que não se pagasse impostos ao governo republicano e nem consentia que se tivesse por válidos os atos do estado civil que não fossem realizados de acordo com as leis religiosas. (RODRIGUES, 2006 p.45).

De acordo com BECHELLI, (2009), Nina Rodrigues imaginava tendo como base as teorias raciais de seu tempo, principalmente a escola antropológica italiana de direito (Cesare Lombroso, Enrico Ferri) a existência de epidemias coletivas relacionadas ao comportamento humano que provocavam grandes conflitos. Ele estudou a questão de Canudos tendo como premissa básica que Antonio Conselheiro era mentalmente louco e que esta loucura levou a guerra e destruição de Canudos. Assim sendo a questão de Canudos poderia ser resumida como mais um exemplo de loucura coletiva. (BECHELLI, 2009, p.147)

e 151).A IGREJA CATÓLICA

Com o Concílio Vaticano I (1869-1870) a Igreja tenta resgatar adeptos recém-perdidos a partir da reação que ficou conhecida como romanização, onde era esperada uma atitude de completa subserviência dos fiéis às hierarquias clericais, além do monopólio das interpretações de todos os fenômenos de ordem religiosa pelas autoridades eclesiásticas. No entanto, isto gerou uma divisão dos clérigos em duas alas: a dos que estavam desvinculados da realidade social dos sertões e a dos representantes da Igreja que voltavam à atenção à questão social do país, desenvolvendo uma forma de religiosidade muito próxima do entendimento e da realidade do povo. A isso se deu o nome de "Catolicismo popular ou rústico".

De acordo com CÂMARA (2015). Quem primeiro tomou a dianteira deste movimento foi o Padre. Ibiapina homem justo, que com o apoio dos seus seguidores construiu capelas, cemitérios, açudes, cacimbas e "casas de caridade"; depois, outros grandes líderes deram prosseguimento às suas idéias e atitudes; dentre eles, Antônio Conselheiro e Padre Cícero. (CÂMARA, 2015, p.8).

Segundo Maestri (1997), os sertões nordestinos eram trilhados por dezenas de andarilhos, os quais visitavam as comunidades desprovidas de párocos e mesmo aquelas que os tinham. Esses beatos e beatas não eram figuras “exóticas ou tresloucadas”, mas personagens sociais harmoniosamente inseridas no mundo do sertão, com funções e atribuições aceitas e delimitadas.

Conforme GALVÃO (1974), citado por BOVO, (2007, p.19). “Ainda que fizesse pregações e orações com os fiéis, Antônio Conselheiro jamais pretendeu tomar o lugar dos sacerdotes nas funções que somente a eles cabiam, como, por exemplo, ministrar os sacramentos”. Ser beato ou conselheiro era uma forma de inserir-se na comunidade, de “ascender socialmente”. Os padres conviviam pacificamente com essas figuras. Antônio Conselheiro era um deles. Mas em 1882, O arcebispo de São Salvador da Bahia, D. Luís José dos Santos, envia circular ao clero do centro, proibindo que os vigários mantivessem entendimentos com o Bom Jesus Conselheiro, impedindo suas pregações. Mas muitos vigários do interior não cumpriram a ordem do arcebispado. (BOVO, 2007, p.19).

Para Villa (1995), Logo no início de sua pregação pelos sertões, o Conselheiro é preso. Em 1876, em Itapicuru, durante uma pregação, ocorreu um incidente onde morreram

três pessoas e a repercussão desse fato, os atritos com padres e delegados e a ampliação da influência religiosa de Antônio no sertão levaram à intensificação das pressões da Igreja. Nesse ínterim, um vigário capitular solicitou do chefe de polícia da Bahia uma providência imediata. Assim, o peregrino foi preso sem que seus seguidores esboçassem resistência. Levado para Salvador, o promotor pediu sua transferência para o Ceará, sob a acusação de ter assassinato sua mãe e esposa. Lá, constatou-se que não havia crime praticado por ele, sendo o mesmo, então, solto. É importante acrescentar que lhe foi solicitada, pelas autoridades baianas, uma vaga num hospício do Rio de Janeiro, a qual foi negada por “falta de vagas”. VILLA (1995), Apud (BOVO, 2007, p.21 e 22).

Segundo BOVO, (2007) O Frei João Evangelista incumbido pelo arcebispo da Bahia da missão de produzir um relatório sobre Antonio Conselheiro e Canudos a pedido do governador da Bahia segue para Canudos. Esse texto, o primeiro documento oficial acerca da cidade de Belo Monte, teve o seu papel no desfecho dos acontecimentos, já que é claramente contrário às ações de Antônio Conselheiro e seus adeptos e seu autor têm, antes mesmo de chegar à cidade, um objetivo definido: dispersar aquelas pessoas, acabar com aquela “seita”. (BOVO, 2007, p.27)

Considerando que a intenção do Frei, era prejudicar Conselheiro e os habitantes de Canudos, não faltaram alegativas em suas narrativas como os motivos que levaram a suspensão da missão que segundo o frei. “se deu por causa da agressividade dos habitantes, fato que provocara em todos os efeitos de um raio e houve dispersão de grande multidão.” Assim relata:

Resisti aos pedidos, e deixei que o meu ato, mais feliz que minhas palavras, acabassem de operar a dispersão daquelas multidões, presa iminente do fanatismo de um insensato, servido por imbecis ou explorado por perversos(BOVO, 2007, p.29)

No final do relatório, o frade praticamente convoca o exército quando diz que “aquela situação deplorável de fanatismo e anarquia deve cessar para honra do povo brasileiro”. (BOVO, 2007, p.29). Assim esse relatório contribui decisivamente de maneira negativa para mostrar a opinião da Igreja em relação a Canudos e Antonio Conselheiro.

A IMPRENSA

Ao final do século XIX, o Brasil vivia um processo de modernização e de transformações políticas, como já foi dito anteriormente. Os jornais estavam inseridos também neste contexto de mudanças e inovações técnicas. Na imprensa podemos encontrar uma voz de uma elite letrada que se interessava por uma nação com um modelo internacional; essa elite era composta por estudantes, bacharéis, literatos, cientistas entre outros. Também podemos encontrar a voz do povo que procurava participar dos assuntos públicos e mostrar seu apoio as causas que julgava pertinente. (Ribeiro, 2015, p.105). A Guerra de Canudos encontrou amplo espaço nos jornais brasileiros, em que as ações do governo foram, de certo modo, justificadas em suas páginas. (LEÃO, 2015, p.18).

Pode-se afirmar que os jornais de 1897 foram parte relevante na formação de um conjunto de imagens amplamente difundidas acerca de Canudos e da República brasileira, que buscavam justificar o massacre final do arraial. Foram acontecimentos tão impactantes e relevantes os que se passaram na região de Canudos que esta guerra, se não criou, intensificou o hábito jornalístico de enviar correspondentes para o local dos conflitos, de modo a informar sobre os eventos. (LEÃO, 2015, p.20).

A perseguição ao Conselheiro, como podemos perceber, começa em pleno regime monárquico. (BOVO, 2007, p.25). Em 1874, o jornal O Rabudo publica o que virá a ser a primeira menção da imprensa sobre o peregrino Antônio Conselheiro:

A bons seis meses que por todo o centro desta e da Provincia da Bahia, chegado, (diz elle,) do Ceará infesta um aventureiro santarrão que se apellida por Antonio dos Mares: o que, avista dos apparentes e mentirosos milagres que disem ter elle feito, tem dado lugar a que o povo o trate por S. Antonio dos Mares. Esse mysterioso personagem, trajando uma enorme camisa azul que lhe serve de habito a forma do de sacerdote, pessimamente suja cabellos mui espessos e sebósos entre os quaes se vê claramente uma espantosa multidão de bixos (piôlhos). Distingue-se elle pelo ar mysterioso, olhos baços, téz desbotada e de pés nus; o que tudo concorre para o tornar **a figura mais degradante do mundo**. (1874 O Rabudo) Apud (BOVO, p.24)

Dentre os jornais que estiveram no cenário do conflito, podemos destacar o jornal do Brasil, o Estado de São Paulo, O Paíz, Jornal do Comércio, Jornal de Notícias e outros. Desde o início da cobertura do jornal do Brasil, aos acontecimentos na Bahia, os conselheiristas são apontados como “fanáticos”, suas ações como “banditismo”, e a urgência em derrotá-los era amplamente anunciada pelo periódico. “No dia 1º de fevereiro de 1897, na coluna dos telegramas, foi afirmado categoricamente que “Apesar de tudo, é urgente aliquidação de Canudos”. (**Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 11 out. 1897. p. 1). Apud

(LEÃO, 2015, p.44). Já a notícia que circula no Jornal o Estado de São Paulo, em 31 de janeiro 1897, procura demonstrar que as pessoas que habitam o arraial de Canudos são nocivas a sociedade e ao regime republicano:

Redobra de gravidade a situação no interior do Estado da Bahia [...] pessoas residentes nas localidades próximas a Canudos, dizem que as forças de Conselheiro são compostas de criminosos dos Estados vizinhos que fogem para o sertão da Bahia, de fanáticos convencidos da sanidade do Conselheiro, de sertanejos iludidos pelas idéias comunistas pregadas por Conselheiro e de soldados de linha de frente e de polícia desertores. (O Estado de São Paulo, São Paulo, 31 de janeiro de 1897, p.1)

No dia 07 de outubro, o Jornal o Paiz, Rio de Janeiro veio com a confirmação da vitória do exército sobre os conselheiristas. O jornal novamente expôs a importância desta conquista para o regime político do país e o quanto Canudos representava um mal para a sociedade brasileira, mal este agora neutralizado pela ação militar liderada pelo general Arthur Oscar:

Está, enfim, ocupado pelas forças republicanas o reduto de Antônio Conselheiro. Está, enfim, conquistado o **arraial sinistro**, onde, sob a inspiração restauradora, os sectários do bandido profeta fizeram frente a quatro expedições militares, transformando aquele canto de sertão, de alegre paisagem, numa necrópole de bravos! (**O Paiz**, Rio de Janeiro, 07 out. 1897. p. 1). Apud (Leão, 2015, p.80).

A imprensa foi, ao mesmo tempo, uma fonte geradora de pânico, o que só fazia aumentar o medo e o preconceito, e uma cúmplice das barbaridades cometidas.

ELITE, CLASSE DOMINANTE

Como argumenta Cristina Coin, (1995) aquele Nordeste onde as condições naturais adversas era um agravante. A seca de 1877 a 1879 foi responsável por uma migração massiva de nordestinos. E isso se repetiu em 1888, 1889, 1898, 1900 e 1915. Segundo a autora:

Sem chuva as terras não produzem, os rebanhos morrem, e o homem, sem meios de sobrevivência, tem de fugir da morte, retirando-se para áreas de maiores recursos, pelo menos meio milhão desses nordestinos dirigiu-se para Amazônia entre 1880 e 1910, atraído pelo surto da borracha. Outros migraram, sem sucesso, para o Sudeste, onde já havia a forte presença de imigrantes europeus. Ainda assim a maioria permaneceu no Nordeste, tentando sobreviver apesar da seca e do julgo de políticos locais. (COIN, 1995, p. 13 e 14.)

Para BARBOSA, (2011). A grande seca que atacou o Ceará entre os anos de 1877 e 1880 teve como um de seus desdobramentos o incentivo à migração de retirantes para outras Províncias do Império. Um dos destinos preferidos foram as Províncias do Norte, especialmente o Maranhão e o Pará, que serviam de portais de acesso aos rios que

permitiriam adentrar na floresta amazônica. Condição que contribuiu para o cruzamento de rotas, destinos e identidades entre escravos fugidos, libertos, mestiços e migrantes pobres. (BARBOSA, 2011,p.396).

Canudos ficava na zona de influência do Barão de Jeremoabo, grande proprietário de terra e aliado de Jose Gonçalves. Irritados com a prosperidade do arraial e o crescente prestígio de seu líder, temia a ascensão definitiva de uma nova força política a favor de Luis Viana. Para esses políticos da oposição só havia um meio de evitá-la: dizimar o arraial. (COIN, 1995 p.30).

Conforme LEÃO (2015) dois medos importantes em relação a Canudos foram alimentados: o medo que tinha a oligarquia, de perder seus trabalhadores e suas propriedades, e o medo que tinha a Igreja, que via a influência de Conselheiro aumentar a cada dia naquela região dos sertões nordestinos. (LEÃO, 2015, p.25).

Acreditamos que o fenômeno Canudos só pode ser compreendido a partir de ações e do comportamento das classes dirigentes, que detinha em suas mãos todo poder de decisão num país onde a manifestação de opinião pública praticamente inexistia. Em outras palavras, brasileiros derramaram o sangue de brasileiros pela manutenção do status quo e pela preservação da grande propriedade fundiária, a maioria imensos latifúndios, maiores que alguns países europeus. (SAMPAIO, 2001, p.31 e 34)

EXÉRCITO

De acordo com ARAUJO SÁ (2006) A Guerra de Canudos não se transformou num ritual oficial de rememoração dos mortos e heróis militares e, portanto, não se constituindo na formalização de uma “memória oficial”. Segundo LESSA, (1988) citado por ARAUJO SÁ,(2006) “a vitória republicana não trouxe motivos de glória para o exército, e, pelo contrário, tirou dele a possibilidade de deter o poder republicano”. A maior mobilização do Exército brasileiro durante a República não figura no calendário de comemorações militares.

Como podemos constatar vários argumentos são apontados como pretexto para o início da guerra de Canudos, dentre eles destacamos os apontados a seguir. Conforme GALVÃO (2001) Apud (LEÃO, (2015) A refrega de Masseté (1893) é o primeiro momento de conflito aberto entre os homens de Conselheiro e forças oficiais do estado da Bahia, causado pela queima pública de editais de cobrança de novos impostos republicanos por Conselheiro.

A refrega de Masseté, em 1893, na qual os seguidores de Conselheiro puseram em debandada a força policial marca o ponto de inflexão em sua trajetória. Foi aí que ele sustou a peregrinação de tantos anos e se estabeleceu em Canudos, no fundo do sertão e no alto de serranias, longe de tudo. Ali instauraria o Belo Monte. (Galvão, 2001) Apud (LEÃO, 2015, p.25).

Para a autora o massacre de uma força policial composta de 30 homens sob o comando do capitão Virgílio Pereira de Almeida, em Masseté levou o governo estadual a ação, deflagrando a chamada Guerra de Canudos que durante o ano inteiro agitou a nova república de norte a sul. (LEÃO, 2015, p.25).

Segundo BOVO, (2007) o desfecho dos acontecimentos teve como figura central o frade capuchinho João Evangelista do Monte. Seu relatório provavelmente teve considerável peso nas decisões tomadas posteriormente. Teve também muita influência na imagem que estava sendo construída a respeito dos habitantes de Canudos e seu líder. (Bovo, 2007, p.27).

De acordo com COIN, (1995). A disputa política na Bahia foi o fator determinante para a guerra de Canudos. “Os coronéis baianos estavam divididos em dois grupos: um liderado por Jose Gonçalves, e o outro por Luis Viana, governador da Bahia eleito em 1896. A oposição, que aglutinava os Gonçalvistas, acusou Luis Viana de estar protegendo Antonio Conselheiro em troca de influência política. Ora, em uma época em que vigoravam os “currais eleitorais” quem tivesse o apoio do Conselheiro tinha garantida sua eleição, já que os fiéis votavam em quem seu líder mandasse. Não só fiéis, mas também os simpatizantes”. (COIN, 1995: p. 31)

Para LEÃO (2015) O episódio da compra de madeira deflagrou a guerra, dando os motivos para a intervenção armada em Canudos. Diz-se que o juiz da cidade, Arlindo Leoni, por inimizade com o líder religioso, teria convencido o comerciante a não fazer a entrega. Seja como for, Antônio Conselheiro decidiu que, para não atrasar a construção da igreja, se necessário ele mesmo e alguns de seus homens iriam até Juazeiro buscar a mercadoria pela qual já havia pagado. O juiz, então, passou uma mensagem ao governador, Luiz Viana, afirmando que os conselheiristas invadiriam Juazeiro, e pedindo que ele tomasse as necessárias providências para evitar o assalto à cidade.

Deste modo, organizou-se a Primeira Expedição a Canudos, comandada pelo Tenente Pires Ferreira. Do ponto de vista de MONIZ ,(1978). Apud LEÃO, (2015). “não havia nenhuma razão legal para atacar Canudos com forças da polícia e do exército, caso

não se verificasse a agressão contra Juazeiro. A guerra de Canudos iniciou-se ilegalmente e permaneceu ilegal até o fim”.

A Segunda Expedição se armou pouco depois do malogro da primeira comandado por um major, Febrônio de Brito, e com mais homens, cerca de 200 metade deles do exército, e metade da polícia. Marchou até Monte Santo. Nesta localidade, as tropas se demoraram mais do que se poderia esperar, e os conselheiristas tiveram, assim, tempo de serem prevenidos acerca do combate próximo, e de prepararem-se para este fim. Os seguidores de Conselheiro receberam os soldados com tiros nas passagens mais importantes pelas quais estes se aproximariam do arraial, e conseguiram cercá-los. O major Febrônio não viu alternativa e ordenou que recuassem e voltassem a Monte Santo. A Segunda Expedição não tivera melhor resultado do que a primeira.

Terceira Expedição foi organizada, e contaria com o comando do coronel Moreira César. Partiu em três de fevereiro de 1897 rumo à Bahia, e cinco dias depois já tinha reunida toda a expedição, conforme as palavras de Euclides da Cunha. O coronel Moreira César era um “legítimo discípulo de Floriano Peixoto”, e havia participado da repressão à Revolução Federalista, em que ficou conhecido com a alcunha de “Corta- cabeças” ou “Corta-pescoço”, por degolar os prisioneiros do combate. O coronel dispunha de 1300 homens e de seis canhões Krupp. No dia 3 de março, ordenou, de forma antecipada em relação ao que dissera a seus homens, que comesçassem o ataque. O próprio Moreira César saiu ferido do ataque, e se retirou para receber os devidos cuidados. À noite, no entanto, o temido coronel veio a falecer, e as tropas, ao serem informadas deste fato, bateram em retirada de forma desordenada, abandonando pelo caminho as armas e munições para uma fuga mais ágil. Os homens de Conselheiro viram a retirada como a melhor oportunidade possível para se armarem, e recolheram tudo o que havia sido deixado para trás pelos soldados. A Expedição Moreira César havia fracassado. (LEÃO, 2015, p. 30).

A Expedição Moreira César apavorou o país inteiro, e a teoria de que Canudos era uma conspiração monarquista tornou-se mais forte. Afirma LESSA, (1988). “O massacre da terceira expedição a Canudos causou, antes de tudo, perplexidade”. “A única explicação plausível era a de cumplicidade dos monarquistas.” (LESSA, 1988 pp. 82-83). Nas palavras de MELLO, (2007).

Não foi fácil conter a viuvez republicana pela morte de Moreira César. Afinal, o coronel de Pindamonhangaba caprichava no perfil para se converter em novo Floriano, faltando-lhe tão-só o generalato que imaginara arrancar com a cabeça de Antônio Conselheiro. (MELLO, 2007. p. 139).

A Quarta Expedição entrou em cena sob o comando do general Artur Oscar, que também era florianista e também atuara na Revolução Federalista. Esta expedição teve 10 vezes mais homens engajados foram cerca de 10 a 12 mil combatentes, provenientes das mais diversas regiões do país. Artur Oscar chegou em 21 de março a Queimadas, apenas três semanas após o fracasso de Moreira César. Ainda assim, ficou cerca de três meses com as tropas paradas, sem dar início à ofensiva, e só alcançou Canudos em 27 de junho de 1897. O general levou mais alguns dias para começar o ataque, que se deu em 18 de julho, e resultou em cerca de mil mortos do lado do exército. O ministro da Guerra foi em pessoa a Monte Santo, em agosto. ”. (LEÃO, 2015, p.31)

Em 1º de outubro, se deu o combate final e no dia 5 de outubro de 1897 chega ao fim à guerra de Canudos. Conforme LEÃO (2015) O impacto desse espectro sobre o Exército foi captado por Gilberto Amado. Para ele a desmilitarização da República deveu muito a Canudos: “No desprestígio que daquela guerra resultou para o Exército, o poder havia de ficar nas mãos de quem tivesse mais força: São Paulo”. “Na verdade, Canudos não deixava alternativa a não ser o sentimento de vergonha, pois após anos de derrotas humilhantes, a vitória final sobre sertanejos famintos e com poucas armas deixou pouco espaço para a glória”. (LEÃO, 2015, p.33).

Segundo o Coronel Davis Ribeiro de Sena, Canudos é um marco da história militar brasileira, por obrigar o Exército a se modernizar em virtude dos malogros das operações ofensivas e também colocar na ordem do dia a necessidade da reforma do ensino militar, antes apoiada no positivismo. Nas expedições punitivas não haveria nenhuma diretriz, orientação, apenas a idéia de “lavar a alma enxovalhada do Exército”. (ARAUJO SÁ, 2006, p.275).

5.2. A METAMORFOSE DE ANTONIO CONSELHEIRO E CANUDOS

Conforme, ARAUJO SÁ, (2006) Jose Calazans propõe três momentos para a história de canudos. Um primeiro chamado pré-euclidiano, desde o relatório de frei João Evangelista até a publicação de os sertões em 1902. O segundo representaria a hegemonia euclidiana, desde 1902 até o cinquentenário da Guerra de Canudos (1947), quando é editada a reportagem de Odorico Tavares, que resgatou Canudos do esquecimento. E por fim uma

fase pró-euclidiana que pode ser delimitada entre as comemorações dos cinquentenários e dos centenários da Guerra de Canudos (1993- 1997), na qual se destaca a obra do próprio Jose Calazans, que possibilitou através de novas ideias e novas fontes, ver Canudos de forma diferente e plural, principalmente se libertar da tradição euclidiana e buscar compreender a vida cotidiana do sertanejo. (ARAUJO SÁ, 2006, p. 119)

Segundo FREITAS (2016), o interesse de Calazans pelas questões envolvendo Canudos e Conselheiro surgiu ainda em 1947, ano em que se comemorou o cinquentenário da Guerra de Canudos. Naquele ano, Calazans teve acesso a uma reportagem especial produzida por Odorico Tavares e Pierre Verger ambos, jornalista e fotógrafo, que foram visitar o vilarejo construído sobre as ruínas da antiga Belo Monte, arraial fundado por Antônio Conselheiro e destruído pelas forças militares, entrevistando a população que ali residia.. Depois de ler a reportagem escrita por Odorico Tavares e ilustrada pelas fotografias de Pierre Verger, Calazans decidiu conhecer o cenário da guerra, intencionando colher o maior número de informações possíveis para a tese que estava escrevendo. Por ocasião de um concurso para a Livre Docência de História do Brasil na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, o pesquisador escreveu e apresentou a tese “O Ciclo Folclórico do Bom Jesus Conselheiro, Contribuição ao Estudo da Campanha de Canudos”, obra considerada como principal clivagem nos estudos sobre a temática conselheirista. Com sua tese, publicada em livro no ano de 1950, José Calazans contribui decisivamente para que à academia fossem trazidas as vozes dos vencidos. Assim, a história contada através de seu revisionismo historiográfico, difere da apresentada por Euclides da Cunha, “que criou, em Os Sertões, um retrato sombrio do Conselheiro como fanático, místico e louco, personagem trágico guiado por forças obscuras, que o levaram ao conflito com a Igreja e o governo” (VENTURA, 2001). Apud (FREITAS, 2016, p.74).

De acordo com FREITAS (2016). Calazans contribui para que ganhe visibilidade à tese, posteriormente desenvolvida por tantos outros pesquisadores, de que os acontecimentos envolvendo Canudos e o Conselheiro eram como sintetizou Candido (1999), uma “desesperada tentativa no sentido de uma nova organização social”. Esse momento de inflexão, de criação de novas teses e narrativas a respeito de Canudos e Conselheiro a partir da utilização de novas metodologias de pesquisa, tiveram a participação e contribuição de um grande número de pesquisadores. Conforme Bovo (2007) Todos esses textos são parte de uma grande rede de gêneros textuais que fazem o movimento de Canudos e Antônio Conselheiro figurarem entre os episódios e os brasileiros mais estudados de nossa historiografia pátria.

5.3. A CONSTRUÇÃO DO HERÓI ANTÔNIO CONSELHEIRO EM QUIXERAMOBIM-CE.

Nesta fase, este projeto de pesquisa vem externar como o trabalho de Nerthan Pereira Barbosa (2015). Na dissertação de mestrado *Memorialistas do Sertão Central: Memória, identidade, cultura historiográfica e legitimação do discurso em Quixadá e Quixeramobim- Ce (1996-2002)*, no qual ele apresenta o escritor Marum Simão, que com seu livro “*Quixeramobim, Recompondo a História*” (1996), vem apontar como a escrita de forte tradição da escola metódica positivista, herdada do contato que o autor tivera com o Instituto Histórico do Ceará, contribuiu consideravelmente para a maneira como a sociedade quixeramobiense passou a enxergar Antônio Conselheiro, hoje visto como um filho ilustre, herói local e nacional.

Assim na cidade de Quixeramobim, a figura tida como mítica do filho da terra, Antônio Conselheiro (1830-1897), embora não tenha nenhuma relação com o “mito de origem”, exerceu grande influência naquilo que se denominou de “identidade quixeramobiense”. A exaltação de seu nome e de seus atos, presentes na narrativa de Marum Simão está associada ao que está se chamando de “mito do herói”. Antônio Conselheiro, hoje visto como um filho ilustre, herói local e nacional, revolucionário, homem à frente de seu tempo, idealista, mártir e um grande líder político e religioso. Outro reflexo desse processo de glorificação de Antônio Conselheiro em Quixeramobim foi à construção e inauguração no ano de 1997, do Memorial Antônio Conselheiro. Pensado e edificado na gestão do prefeito Cirilo Pimenta, (PSDB) o Memorial materializa todos esses novos discursos e estabelece, pelo menos por enquanto, a figura de Conselheiro como herói local e nacional. (BARBOSA, 2015, p. 151),

Para NORA, (1993) os lugares de memória são, primeiramente, lugares em uma tríplice acepção: são lugares materiais onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; são lugares funcionais porque têm ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos onde essa memória coletiva vale dizer, essa identidade se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória. (TEIXERA, 2015, p. 4)

Segundo RIEGL, (1984) crítico de arte austriaco, autor de “*O Culto Moderno dos Monumentos.*” Considera verdadeiramente monumento, as obras que possuem desde sua

concepção uma função memorizadora, no sentido de eternizar na memória coletiva, certos atos ou acontecimentos, os quais chamam de monumentos intencionais, por seu valor de rememoração intencional. Por monumento, no sentido mais antigo e verdadeiramente original do termo, entende-se uma obra criada pela mão do homem e edificada com o objetivo preciso de conservar sempre presente e viva na consciência das gerações futuras a lembrança de um ato ou de um destino. (RIEGL, 1984 p.35).

O corpo simbólico de uma figura alçada a herói nacional precisa ser nutrido ao menos uma vez no ano, no aniversário de nascimento ou de morte do corpo físico que lhe completa, ou mesmo em outra data representativa, sob o risco de ir se enfraquecendo até morrer. (FRAGA, 2015, p.26)

O que tem acontecido todos esses anos em Quixeramobim são celebrações de uma memória construída historicamente, não de um passado tal qual teria se dado. Memória que, diga-se de passagem, continua em constante processo de construção. Não se deve dar o mito de Antônio Conselheiro como acabado e já cristalizado, a cada dia surgem novas leituras, novas manifestações que buscam lançar novas formas de interpretá-lo. (BARBOSA, 2015, p.157)

5.4. ANTONIO CONSELHEIRO O HERÓI NACIONAL

A palavra panteão deriva de *pan* (todo) e *théos* (Deus) e significa o templo dedicado a todos os deuses. Esses templos eram dedicados aos deuses da mitologia de cada região; por isso existia um panteão egípcio, um panteão grego, entre outros. Com a propagação do monoteísmo no Ocidente, o espaço passou a ser dedicado às pessoas que engrandeceram sua pátria através de seus feitos. No Brasil a criação de um panteão em reconhecimento aos heróis brasileiros, era defendida desde 1891 e só foi concretizada quase um século depois, em pleno processo de redemocratização.

O Panteão da Pátria foi construído para ser um monumento inspirado nos ideais de liberdade e democracia do ex-presidente Tancredo Neves. Sua inauguração se deu no dia 7 de setembro de 1986, em alusão à data máxima da nacionalidade, e nele se encontra o Livro dos Heróis da Pátria, “onde ficarão gravados para a eternidade os nomes dos que combateram e morreram para que todos os brasileiros fossem livres em sua pátria soberana” (PANTEÃO DA PÁTRIA, /https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra)

Antônio Conselheiro considerado o principal inimigo da república brasileira durante o conflito em Canudos no ano de 1897. É mais um brasileiro a alcançar tamanha honraria desde a aprovação da lei n 13.829, de 13 de maio de 2019 de autoria da deputada federal Luizianne Lins (PT-Ce). Que justifica: “Homenagear Antônio Conselheiro com a inscrição de seu nome no Livro dos Heróis da Pátria significa contribuir para que a história dessa comunidade e de seus mortos não desapareça. Significa, também, por meio desse instrumento oficial, reconhecer o heroísmo da excepcional atuação desse líder popular, que, mesmo sendo um brasileiro excluído, construiu, à margem da sociedade, uma obra notável. Significa, por fim, louvar o sertanejo nordestino, suas lutas, sua força e sua resiliência”. Mesmo que tal decisão seja um ato político, já que cabe ao Parlamento propor e analisar a inscrição de novas biografias no Livro dos Heróis da Pátria. E é papel da Câmara dos Deputados promoverem a renovação do interesse da população na própria existência do Panteão da Pátria, na história de sua construção e nos feitos dos cidadãos que lá estão eternizados. A revisão da historiografia teve papel decisivo na reconstrução desse personagem, por trazer uma nova perspectiva e novas possibilidades de interpretá-lo.

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa aqui apresentada será classificada como exploratória, e descritiva, porque se fundamenta numa análise do objeto de estudo. Como método o uso da revisão bibliográfica se justifica porque esse método permite reunir o que já foi publicado sobre a história desse personagem. Como recursos e fontes serão analisados livros, jornais, revistas, teses, dissertações, artigos e outras publicações que abordam a trajetória de Antônio Conselheiro e de Canudos. . (GIL, 2008, p.28 e 50).

7. CRONOGRAMA

Maio/2025	Apresentação do Projeto de Pesquisa à Banca de TCC do BHU
Junho a outubro/2025	Pesquisa documental e bibliográfica
Novembro a dezembro/2025	Redação de artigo
Janeiro a maio/2026	Submissão de artigo a Revista acadêmica

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAUJO SÁ Antônio Fernando de. **Filigranas da memória: história e memórias comemorações do centenário de Canudos (1993-1997)**. Tese pós-graduação em História, Departamento de História UNB (2006)

BRASIL, **A construção da memória nacional: os heróis no Panteão da Pátria.** – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010. 119 p. (Série cadernos do museu; n. 10). Acesso 23/11/2021 <https://www.camara.leg.br/acessado> em 23/11/2021

BOVO, Ana Paula Martins Corrêa. **Antônio Conselheiro: os vários** / Ana Paula Martins Corrêa Campinas, SP: [s.n.], 2007. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

BARBOSA, Nathan Pereira. **Memorialistas do Sertão Central: Memória, Identidade, Cultura, Historiografia e a Legitimação do discurso em Quixadá e Quixeramobim (1996-2002)**. Fortaleza, CEARÁ, 2015. Dissertação (mestrado) Universidade Estadual do Ceará.

BARBOZA, Edson Lima. **A Hidra Cearense: Rota de retirantes e escravizados entre o Ceará e as fronteiras do Norte. (1887- 1884)** BARBOZA, Edson Holanda Lima. São Paulo, 2013. Tese (doutorado). Pontífice Universidade Católica de São Paulo.

BARBOZA, Edson Holanda Lima. **Cabeça Chata, Testa de Macaco: Conexões entre Migrantes e Escravos Fugões, desde o Ceará aos Portais da Amazônia. (1877-1880). Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 42, p. 391-418. 2011.**

CÂMARA Yzy Maria Rabelo ,Yls Rabelo Câmara: **Canudos Revisitado: Uma breve Análise do que a Utopia de Antônio Conselheiro, Ameaça à Consolidação do Poder da Republica no Final do Século XIX.** Revista Entrelaces – Ano IV – nº 05 – maio de 2015

COIN, Cristina. **A Guerra de Canudos.** São Paulo: .Editora Scipione, 1995

CUNHA, Euclides. **Os Sertões.** Rio de Janeiro. Editora: Laement.1975

CARNEIRO, Maria Juliana de Matos. **Canudos múltiplos olhares: permanência e rupturas nos discursos.** 2010. 56f. Monografia (Graduação em História). Universidade do Estado da Bahia, Conceição do Coité, 2010.

FRAGA, André Barbosa. **Os heróis da pátria: política cultura e historia do Brasil no governo Vargas.** Dissertação mestrado em História. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e filosofia, Departamento de História ,2012. p.269. <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/763390>. Acessado. 27 /01/2024.

FREITAS, Leandro Leal de. **Um século de narrativas euclidianas e conselheiristas : interpretações sobre Antônio Conselheiro.** 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

GIL, Antônio Carlos, **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antônio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **No Calor da Hora,** São Paulo: Ática, 1974.

LIMA, Luiz Costa. *Terra Ignota: a construção de Os Sertões*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1997.

LEÃO, Maria Beatriz da Costa Baptista de: **A guerra de Canudos e a cultura republicana nos jornais da capital federal** / (2015). Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2015.

MAESTRI, Mário. *Belo Monte – Uma História da Guerra de Canudos*. São Paulo: Ed. Moderna, 1997.

MELLO, Frederico Pernambuco de. **A guerra total de Canudos**. São Paulo: A Girafa Editora, 2007. p. 139.

MONIZ, Edmundo. **A guerra social de Canudos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MONTEIRO, Vanessa Sattamini Varão. **Canudos: guerras de memória**. Mosaico, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 83–93, 2009. <https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/62778>. Acesso 25 /01/2024.

NEVES, Margarida de Souza. **Os jogos da Memória. In: Ler e escrever para contar**. Ilmar Rohloff de Mattos (org) Rio de Janeiro: Access Editora, 1994.

NORA. Pierre. **Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux**. IN Pierre Nora (org). *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, [1984]. Vol 1 La République. p. XXIV.

RODRIGUES, Raimundo Nina. **As coletividades anormais**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial: 2006

RIEGL, Alois. **O Culto Moderno dos Monumentos**. São Paulo: Editora: Perspectiva; 1ª edição, 2020.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI**. No loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SIMAO, Marum. **Quixeramobim, Recompondo a História**. Fortaleza: MULTIGRAF Editora Ltda, 1996.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Cia das letras, 2003.

VILLA, M. A. **Canudos – o povo da terra**. São Paulo: Ática, 1995.

(<https://www.camara.leg.br>.) Acesso em 22 /11/2024 às 03;05h.

(www.camara.leg.br > [proposicoesWeb](#) > [prop_mostra](#)). Acesso em 20 /10/2024 às 17:13h

(<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/quixeramobim/panorama>).Acesso:17/10/2024às 23:15h.

([HTTP://www.patrimoniiovivo.org.br](http://www.patrimoniiovivo.org.br)) Acesso em 06 /08/2024 às 15: 02h.

